

# As Super-Heroínas como instrumento de gênero nas Histórias em Quadrinhos (HQ's)

Gelson Vanderlei Weschenfelder<sup>1</sup>

**Resumo:** As transformações que ocorreram na história nos últimos cem anos, tiveram eco nas páginas das histórias em quadrinhos de super-heróis. Estes quadrinhos, ao refletirem sobre as mudanças sociais e políticas ressaltaram a questão da diferença e as relações de gênero construídas socialmente. As histórias em quadrinhos com seus super-heróis e heroínas também foram responsáveis por trazer para os meios de comunicação de massa o debate sobre a diferença entre os sexos. As mulheres estiveram presentes nas HQ's, primeiramente como coadjuvantes, sendo o objeto das maquinações dos vilões, e, acompanhando os novos tempos com as marchas dos movimentos feministas, passam aos papéis principais, transformando-se em super-heroínas.

**Palavras chaves:** Super-heroína – relações de gênero – história em quadrinhos.

**Abstract:** The transformations that occurred in history in the last hundred years, echoed in the pages of comics superhero. These comics, to reflect on the social and political changes have highlighted the issue of difference and gender relations socially constructed. The comic with his super-heroes and heroines were also responsible for bringing the means of mass communication the debate about the difference between the sexes. Women were present in the comics, primarily as adjuncts, being the object of the machinations of the villains, and, accompanying the new era with the speed of the feminist movement, they perform leading roles, transforming themselves into superheroes.

**Keywords:** Superhero – gender relations – comic.

## 1 Introdução

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre homens e mulheres. Como nova categoria o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente ainda é usado como sinônimo de mulher (MATOS, 2000, p. 16).

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Unilasalle-Canoas.

As HQ's<sup>2</sup> sempre trouxeram a discussão sobre a diferença para dentro de suas páginas. Elas foram as pioneiras em trazer tais questões para os meios de comunicação de massa. Questões sobre direitos humanos, o negro e a mulher; eram questões discutidas tão-somente por ativistas e seus meios de comunicação restritos.

O papel da mulher nas HQ's era somente ser vítima das maquinações dos vilões, ou tinham um papel secundário, auxiliando o super-herói masculino. Este era o retrato da sociedade machista, mulheres subjugadas pelo domínio masculino. A passividade feminina, por elas assumida, foi apontada no livro *Curso de Direito Social* da ativista feminista Jeane Derooin:

A mulher ainda uma escrava, permanece em silêncio. (...) Subjugada pelo domínio masculino, ela nem sequer aspira à sua própria libertação; o homem é que deve libertá-la (ALVES, 1985, p. 39).

O nascimento da primeira super-heroína das HQ's se confunde com a história do movimento feminista em solo estadunidense. Os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, as reivindicações das mulheres haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas, ingressar em instituições escolares, participar do mercado de trabalho, onde houve um reconhecimento da cidadania das mulheres. Mas esse período é marcado pela eclosão de uma nova guerra, a Segunda Guerra Mundial.

A afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas daquele momento histórico. Valoriza-se, mais do que nunca, a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão-de-obra masculina particular, nos países diretamente envolvidos no conflito (ALVES, Op., cit., p. 50).

É no início da década de 1940 que a primeira personagem super-heroína das HQ's nasce, a *Mulher-Maravilha*, criada pelo psicólogo, ativista dos direitos humanos e ativista do movimento feminista naquele período, *William Moulton Marston*.

A Mulher-Maravilha é criada como contrapartida ao super-herói *Super-Homem*. A Mulher-Maravilha é uma versão feminina do campeão superpoderoso Super-Homem; décadas mais tarde, foi adotada até mesmo pelos movimentos feministas.

Já no meio do turbilhão do movimento por direitos civis e da libertação feminina, em 1963, é criado pelo grande *Stan Lee*<sup>3</sup> os *X-men*, os mutantes que trazem para as páginas das HQ's questões como discriminação e gênero.

A HQ dos *X-men* foi a primeira revista da *Marvel Comics*<sup>4</sup> a apresentar super-heroínas em papéis de grande destaque. *Jean Grey* foi umas das primeiras a entrar

<sup>2</sup> Histórias em Quadrinhos.

<sup>3</sup> Criador do Homem-Aranha, Hulk, Capitão América, entre outros.

<sup>4</sup> Marvel Comics é uma editora estadunidense de banda de histórias em quadrinhos pertencente à Marvel Entertainment/Disney. Com sede em Nova Iorque, é uma das mais importantes editoras do gênero no mundo das histórias em quadrinhos.

para a *Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier*, o restante eram todos homens. Mas as X-woman da década de 1970, como, por exemplo, a super-heroína *Tempestade*, refletia a mudança social da era. Eram pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro.

Torna-se cada vez mais necessário, sem esquecer a opressão histórica sobre as mulheres, superar a dicotomia ainda fortemente presente entre a “vitimização” da mulher, uma análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias, e a visão de uma “onipotência” e “rebeldia” feminina, que algumas vezes estabelece uma “heroicização” das mulheres (MATOS, op., cit., p. 15).

## 2 A Amazona Mulher-Maravilha

As guerreiras Amazonas são um povo da mitologia grega, viviam na ilha de *Themyscira*. A palavra ‘amazona’ tem origem incerta, alguns estudiosos afirmam que vem da raiz ariana *há-mazān*, que significa ‘guerreiro’, enquanto outros creem que vem da raiz *amastos*, que significa ‘aquela sem seio’ (KNOWLES, 2008, p. 179). Uma referência ao fato de que as amazonas mutilavam as meninas ao nascer, ao terem as glândulas mamárias do lado direito removidas, para assim facilitar o tiro de arco (BOLTON, 2004, p. 133). Homero se referia às amazonas como as *Antianeirai*, o que significa “as que odeiam homens” (BOLTON, op., cit.).

As amazonas não suportavam a presença masculina. Diz a lenda que em *Themyscira* era proibida a entrada de homens, pois a rainha *Hipólita* sofreu a traição de um homem e, desde então, banuiu a entrada deles. Abriam uma exceção caso o homem fosse um empregado encarregado de uma tarefa bem desprezível. Mas essas guerreiras se serviam de estrangeiros e de viajantes para engravidar, pois, naturalmente, homens eram necessários para a perpetuação de seu povo. Caso o fruto dessa união breve fosse um menino, a tribo livrava-se dele imediatamente. Algumas versões descrevem como esses meninos eram descartáveis. Alguns dizem que eram aleijados e abandonados para morrer ou, com sorte, abandonados nas estradas para algum viajante encontrá-lo e adotá-lo. Para outras versões, tais meninos eram cegados e abandonados posteriormente, ou ainda mortos ao nascer sem piedade ou remorso. Mas, de acordo com algumas lendas, os mais afortunados eram criados para servir como escravos no futuro (BOLTON, op., cit.).

Essas guerreiras veneravam o deus *Ares*<sup>5</sup>, que se casou com uma rainha amazona, *Otrere* e tiveram uma filha, que, mais tarde, ocupou o lugar da mãe (BOLTON, op., cit.). Eram temidas guerreiras, consideravam-nas tão fortes quanto homens, tão selvagens quanto feras, e mais perigosas que víboras, uma vez que eram racionais e astutas. Mas as guerreiras amazonas não seguiam somente os passos do deus *Ares*, a deusa *Ártemis* era venerada por todas, deusa virgem, que representava a força feminina. Na Grécia Antiga, a mulher ocupava uma posição inferior à do homem e possuía pouquíssimos direitos.

<sup>5</sup> Deus da Guerra na Mitologia Grega.

Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente este executava trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Em Atenas ser livre era, primeiramente, ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo (ALVES, 1985, p. 11).

Não é de se estranhar que essas lendárias guerreiras se tenham tornado um símbolo de liberdade das oprimidas mulheres gregas.

Os homens sentiam um grande respeito por elas. A maioria não sabia se deveria sentir medo ou admirá-las. O fato de haver mulheres com força igual ou superior à dos homens, e que ainda os tratavam como seres descartáveis, era um pouco assustador (BOLTON, op., cit., p. 132).

É dentro desse contexto mitológico que nasce, em 1941, a super-heroína *Mulher-Maravilha*. Esta foi a pioneira, a primeira super-heroína das HQ's, pela DC<sup>6</sup>. Mas tal ícone feminista supremo não foi inventado por uma mulher, mas sim por um homem, pelo psicólogo William Moulton Marston (1893-1947). Marston foi um verdadeiro homem da Renascença, além de psicólogo, foi psiquiatra, novelista, jornalista e pioneiro do feminismo. É nas décadas de 1930 e 1940 (década em que a personagem Mulher-Maravilha é criada) que as reivindicações do movimento feminista haviam sido formalmente conquistadas na maior parte dos países ocidentais (direito ao voto e à escolarização e acesso ao mercado de trabalho). A possibilidade de a mulher trabalhar ganhou força principalmente no contexto das duas guerras; com grande parte dos homens envolvidos com a guerra, as mulheres ocuparam os postos de trabalho vagos (ALVES, op., cit.,).

A Super-heroína Mulher-Maravilha é a princesa de *Themyscira* (às vezes, chamada de Ilha Paraíso), filha da rainha das amazonas, Hipólita (a Rainha que cedeu seu cinturão a *Hércules*, nos doze trabalhos; tal cinturão havia sido dado à Hipólita pelo deus *Ares*, como símbolo do poder temporal que a Amazona exercia sobre seu povo) (BULFINCH, 2006, p. 148). A Mulher-Maravilha veio ao mundo como uma estátua de menina de barro criada por Hipólita. Tão apaixonada por sua escultura, a rainha pediu aos deuses que dessem vida à figura e foi atendida. Recebeu o nome de Diana. Junto com a vida, os deuses também *deram várias habilidades a garotinha, ela tem a beleza da Deusa Afrodite, a força de Hércules, a sabedoria de Atena e a velocidade de Mercúrio* (KNOWLES, 2008, p. 182). A Mulher-Maravilha, além dos poderes, recebeu dos deuses presentes, que ajudam a aumentar suas habilidades: dois braceletes indestrutíveis, que usa para desviar projéteis e raios, uma tiara que pode ser usada como bumerangue e um laço mágico inquebrável, que faz com que as pessoas tocadas digam a verdade.

<sup>6</sup> DC Comics é uma editora estadunidense de HQ's e mídia relacionada, sendo considerada uma das maiores companhias ligadas a esse ramo no mundo. Por décadas, a DC tem sido uma das duas maiores companhias de quadrinhos daquele país, ao lado da Marvel Comics (sua rival histórica). Originalmente, a companhia era conhecida como *National Comics* e com o tempo passou a adotar a sigla "DC", que originalmente se referia a *Detective Comics*, uma de suas revistas mais vendidas (a qual é publicada até hoje e apresenta histórias de Batman). Localizada, originalmente, na cidade de Nova Iorque.

Quando Diana estava adulta, *Steve Trevor*, piloto da Força Aérea Americana, colidiu com seu avião na Ilha Paraíso. A Rainha Hipólita decretou que a amazona que vencesse diversas provas entre elas teria a incumbência de levar Steve de volta aos EUA e se tornaria uma campeã em nome das amazonas em território americano. Proibida de participar por sua mãe, Diana se disfarçou e ganhou o contesto, que incluía lutas armadas sobre *kangooos* (espécies de cangurus nativos da Ilha Paraíso), competição de corrida e aparar balas com seus braceletes. A Mulher-Maravilha adotou a identidade secreta de *Diana Prince*, uma enfermeira da Força Aérea Americana.

A Mulher-Maravilha, décadas mais tarde de sua criação, foi adotada até mesmo pelos movimentos feministas, isso se deveu ao alto grau de capacidade realizadora que Marston reconheceu nas mulheres, especificamente no mito grego das amazonas, cuja atualização empreendeu para dar “fundamentos” minimamente críveis à sua personagem. A Mulher-Maravilha é uma amazona que veio à terra dos homens, saindo da Ilha Paraíso para sublinhar, femininamente, que todos preferem a paz, mas brigam sim, quando se faz necessário (BRAGA, PATATI, 2006, p. 79).

Marston adotou uma cosmovisão dualista em sua personagem, a Mulher-Maravilha. Ele sugere que a humanidade está sob duas forças opostas, *Ares*, deus da guerra, e *Afrodite*, deusa do amor. Ele achava que as mulheres deviam conquistar os homens pelo poder do amor, assegurando a paz na Terra por toda a eternidade.

Marston disse:

Francamente, a Mulher-Maravilha é uma propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, creio eu, deveria governar o planeta. Não há amor suficiente no organismo masculino para governar este mundo de modo pacífico. O corpo da mulher contém duas vezes mais órgãos geradores de amor e mecanismos endócrinos do que o homem (KNOWLES, 2008, p. 182).

Marston fala sobre o amor como objeto de poder para a mudança, mas para Simone Beauvoir isso não passa de uma mística.

O amor foi apontando à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proibem o amor humano, se é desiludido ou exigente, é em Deus mesmo que ela escolherá adorar a divindade. (...) A mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que sua salvação desça do céu onde reinam os homens; eles também estão envoltos em nuvens; é para além dos véus de sua presença carnal que sua majestade se revela (KNOWLES, 2008, p. 182).

Para Beauvoir, a palavra ‘amor’ não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. E é isso uma fonte de graves mal-entendidos que os separam (BEAUVOIR, Op., cit., p. 411).

Marston cria uma personagem de um contexto histórico, onde a mulher é comparada a um escravo. As mulheres gregas, universo de onde sai a super-heroína Mulher-Maravilha, não são consideradas cidadãs e não têm direitos ao

contrário dos homens gregos. A personagem Mulher-Maravilha é uma amazona, diferente das mulheres gregas, e na literatura, essas guerreiras faziam as mulheres questionarem suas experiências de exclusão (BOLTON, op., cit., p. 132). Matos, que busca, através da investigação histórica, reconstruir e recuperar a historicidade das relações entre os sexos diz que:

Os estudos de gênero têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas. Neste sentido, aproximaram-se particularmente da psicologia e da antropologia, influências que, sem dúvida, favorecem a ampliação de áreas de investigação histórica (MATOS, op., cit., p. 22).

Vale assinalar que Marston dotou sua heroína de um laço com a característica de arrancar dos vilões a verdade absoluta dos fatos, sem sombra de mentira. A curiosidade é que Marston, o psicólogo que escreveu os roteiros até 1947, participou também da criação do verdadeiro detector de mentiras.

### 3 X-men/X-women: a demanda por diversidade

Mutação: é a chave da nossa evolução e nos permitiu evoluir de uma célula única à espécie dominante do planeta. Esse processo lento, normalmente, leva milhares de anos. Mas a cada centena de milênio, a evolução dá um salto (Narração inicial de *X-Men: O Filme*, 2000).

Criados na armadilha do mesmo, da homogeneidade, temos dificuldades para entender e aceitar a diferença, e como consequência excluímos e discriminamos os diferentes. Esse comportamento de suspeita e de rejeição em relação a qualquer outro é antagônico em relação ao discurso corrente na sociedade contemporânea, que enfatiza relacionamentos saudáveis e respeito às diferenças em todos os âmbitos da vida social.

As histórias em quadrinhos dos “*X-men*” servem de referência para a discussão sobre a diferença, ao supor que há mutantes entre nós: pessoas que nascem com habilidades extraordinárias e, na maioria das vezes, aparências atípicas; uns são capazes de atravessar paredes, outros manipular mentes, há aqueles que podem controlar o fogo, outros o gelo. Há ainda aqueles que possuem asas com uma aparência de anjo, outros, com aparência que lembra um demônio (REBLIN, 2008, p. 81). E por causa de suas capacidades incomuns, tais mutantes causam medo e insegurança nos seres humanos tidos não evoluídos.

Supõe-se ainda que a evolução seja responsável pelo desenvolvimento de seres com superpoderes na história. Alguns seres humanos possuem o gene “*fator X*” em seu código genético, responsável pelas alterações no seu organismo. Em linguagem científica, esse seria o próximo passo da evolução humana: de *homo sapiens* a *homo superior*.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), o que conduz à questão da alteridade. (...) A reflexão acerca do outro sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. (...) Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano (REBLIN, 2008, p. 83-84).

Os seres humanos não consideram esses seres diferentes como ‘seres humanos’ e, por isso, tacham-nos de mutantes. Mesmos estes, sendo o próximo passo da evolução. Assim, prevalece o preconceito, onde sempre diminui o outro.

Contam as histórias em quadrinhos que, com esses seus poderes colossais, os mutantes poderiam facilmente tornar válida a sua própria vontade, reprimindo os humanos. Mas existem aqueles que sonham com uma coexistência pacífica entre seres mutantes e seres humanos, onde defendem esse ideal (professor Charles Xavier e seus pupilos, os super-heróis X-men), e há outros que não acreditam nessa aspiração. Julgam os seres humanos como uma raça do passado, e o futuro pertence à raça mutante, que deve subjugar a inferior raça humana, a raça que não evoluiu (Magneto e a Irmandade Mutante), pois após sofrerem a discriminação, eles, seres superiores, também passariam a discriminar os ‘humanos’. Esse é o enredo do time de Super-Heróis mais famosos no mundo das HQ's Comics<sup>7</sup>, os X-men.

Mas as HQ's desses super-heróis não nos mostram somente o impasse sobre discriminação entre humanos e mutantes; elas vão muito além. Seguindo com o assunto da diferença, as HQ's dos super-heróis X-men apresentam-nos o assunto sobre gênero. As HQ's dos X-men foram as primeiras da Marvel Comics a apresentar super-heroínas em papéis de destaque, bem como uma grande diversidade delas (IRWIN, 2009).

É com o final da segunda grande guerra e o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia, que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuindo à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “Rainha do Lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona de casa, da esposa e da mãe. Novamente, o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem (ALVES, 1985).

No final da década de 1940, *Simone Beauvoir* lança o seu livro *O Segundo Sexo*, sendo uma voz isolada nesse momento de transição. Ela descreve como forma de denúncia as raízes culturais da desigualdade sexual. Para Beauvoir, na nossa cultura, é o homem que se afirma através de sua identificação com o seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto e visto através do sujeito (BEAUVOIR, op., cit.).

<sup>7</sup> Histórias em quadrinhos americanos.

A análise de Beauvoir constitui um marco na medida em que delinea os fundamentos da reflexão feminista, que ressurgirá a partir da década de 1960. As feministas de segunda onda viam as desigualdades culturais e políticas das mulheres como ligadas inexoravelmente e encorajavam ativamente as mulheres a compreenderem aspectos de suas vidas pessoais, como sendo profundamente politizados, refletindo as estruturas de poder sexistas (ALVES, op., cit., p. 52).

*Stan Lee e Jack Kirby*, no início da década de 1960, estavam no meio de um mundo sem precedentes de igualdade de gênero, no meio do movimento por direitos civis e da libertação feminina; e foi nesse período, em setembro de 1963, que Lee/Kirby criam o universo mutante dos X-men. A maioria dos times de super-herói sempre incluía mulheres, como, por exemplo, a Mulher-Maravilha na *Liga da Justiça*, e depois *Canário Negro*, que se junta a ela, *Sue Storm* no *Quarteto Fantástico*, *Vespa* nos *Vingadores*. Mas os X-men têm mais modelos femininos fortes que a típica história de super-heróis.

As super-heroínas dos X-men, as X-women, não são apenas beldades usando botas apertadas e peitorais. As X-women são verdadeiras heroínas de origens diversas, com enredos intrigantes de suas histórias e uma vida interior igualmente intrigante (IRWIN, 2009, p. 91). Na escola do Professor Xavier para jovens superdotados, as X-women são criadas como pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro; e como há tantas super-heroínas no universo mutante, o meu modesto objetivo será mostrar algumas.

### *Tempestade*

A população diversificada em X-men inclui a personagem afro-americana *Ororo Munroe*, o codinome *Tempestade*, filha de uma princesa africana com um fotógrafo norte-americano (IRWIN, 2005, p. 86). Ela ficou órfã ainda muito nova, seus pais morreram soterrados sob escombros de um prédio, ficou abandonada e sozinha nas ruas do Cairo, Egito. Como muitas jornadas mitológicas heroicas, a história dessa X-woman começou com uma tragédia. Apesar de sua história trágica, *Tempestade* consegue tomar sempre decisões corretas, pois não tem ânsia alguma, não tem a tentação de fugir da responsabilidade. Um ser virtuoso, segundo o filósofo grego Aristóteles<sup>8</sup>.

*Tempestade* é uma líder nata (também, por vários anos, assume a liderança dos X-men), ela aceita a liberdade e a responsabilidade, é inteligente, com uma dedicação ao dever, que produz uma lealdade ímpar, é sensível e muito poderosa, suas habilidades mutantes incluem controle do voo e das condições climáticas, daí vem seu codinome, *Tempestade*.

Ela (...) atende o chamado para novas aventuras, trocando o conhecido pelo desconhecido, enfrentando provações, aprendendo com elas e retornando para casa (...) com uma rica sabedoria (IRWIN, op., cit.).

<sup>8</sup> A Virtude é uma disposição estabelecida que leve à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina. (Ver: Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. 1107 al: 1-5).

Para *Aristóteles*, a finalidade do homem é a felicidade (*εὐδαιμονία*), que é uma atividade da alma designada com o nome de virtude. Ela não é inclinação nem mesmo uma aptidão inata, mas um hábito adquirido pelo hábito e espelhando-se no exemplo dos outros. Aristóteles acredita que a imitação (*mimesis*) é constitutiva da natureza humana, dotada de caráter ativo e criativo. Vivendo e aprendendo, o ser humano pode tornar-se virtuoso e digno da felicidade. O problema é: como o ser humano se torna um bom ser humano? Segundo a ética aristotélica, tornamos homens bons do mesmo modo que nos tornamos bons na maioria das outras coisas, pela prática e repetição.

Aprendemos uma arte ou ofício fazendo as coisas que teremos que fazer quando a tivermos aprendido. Exemplo: homens se tornam construtores construindo casas e se tornam tocadores de lira tocando lira. (...) nos tornamos justos realizando atos justos, (...) corajosos realizando atos corajosos (ARISTÓTELES, 2007, II, 1, 1103 b1 2-5).

Parece senso comum e é, porque não há outras maneiras de se aprender qualquer coisa a não ser praticando? Aprende-se a ler, lendo; a escrever, escrevendo. É desse modo que aprendemos a resolver questões matemáticas, a praticar algum esporte, a dirigir um carro. Mas poderia aparecer a dúvida: como saberei o que seria um ato justo? Aristóteles responde essa questão através da observação. Se quisermos saber o que significa ser justo, ou moderado, ou corajoso, devemos observar pessoas a quem atribuímos tais virtudes (ARISTÓTELES, op., cit., VI, 1140 a1, 20-25). Uma pessoa justa, afinal de contas, é alguém que com regularidade e confiabilidade pratica ações justas. Se quisermos aprender a exercer a justiça, nada melhor do que observar pessoas exemplares que de fato acreditamos ser justas. Mas se desejamos verdadeiramente ser justos e bons, observar não é suficiente. É preciso tentar imitá-las, é necessário praticar tais ações semelhantes, para assim, nesse processo, adquirir tais qualidades ou virtudes morais. Tempestade encontrou esse exemplo e segue os passos de seu mentor, o Professor Xavier, um homem que qualifica a demanda por diversidade.

Tempestade deixa o isolamento e a segurança do Quênia onde é venerado como uma deusa por seus incríveis poderes, para juntar-se ao Professor Xavier nos EUA, atravessando aquele limiar e enfrentando pesadas provações, tudo em nome da justiça e do bem (IRWIN, 2005, p. 86).

Tempestade é uma mulher bonita, com um corpo perfeito (estereótipo de Mulher sob a concepção masculina), mas Tempestade não está em cena só por seu tipo físico, ela é o centro de uma matriz heterossexual patriarcal e tradicional, o relacionamento clássico homem-mulher. Ela é ela mesma e acrescenta considerável substância aos X-men (IRWIN, op., cit.,).

A luta pela discriminação implica, assim, na recriação de uma identidade própria, que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. Identidade

esta em que as diferenças entre os sexos sejam de complementaridade e não de dominação. Em que força e fraqueza, atividade e passividade não se coloquem como pólos opostos definidores do masculino e do feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano (ALVES, op., cit., p. 57).

Tempestade quebra a discriminação sobre a figura da mulher; dentro da Escola Xavier, não há diferenciação entre homens e mulheres, todos são mutantes, todos são os X-men.

Na realidade existem muitos gêneros, muitos “feminismos” e “masculinos”, e esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração, religião e ocupação devem ser ponderados e inter cruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevém a preocupação em desfazer noções abstratas de mulher e homem, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações (MATOS, Op., cit., p. 15).

### *Jean Grey: a Fênix*

Como vimos, os X-men foram a primeira HQ a apresentar as mulheres como super-heroínas, com papel de destaque na Marvel Comics. E *Jean Grey* foi a primeira aluna do *Professor Xavier* em sua *Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier*. Ela foi a primeira X-woman a ser criada por *Lee/Kirby*, em 1963.

Jean Grey é uma entre os sete mutantes originais apresentados nos X-Men, uma jovem com tremendas habilidades mentais (IRWIN, 2009, p. 92), os seus poderes são telepatia e telecinesia.

Jean Grey é muito diferente da personagem Tempestade (que vimos anteriormente) criada na década de 1970, mais de uma década depois de Jean. Ambas representam as novas atitudes em relação à mulher na sociedade estadunidense. Como vimos, a personagem Tempestade é esperta, autoconfiante e altamente habilidosa e opera sem a menor necessidade de um amor romântico. Em contraste, vimos Jean grey, que é retrata nas HQ's como alguém confiável, leal e inteligente, sem grande autoconfiança e dependente dos homens à sua volta; ela vive na sombra do Grande Professor Xavier. Ela é atraente e faz parte de um triângulo amoroso com seus colegas de X-men *Scott Summer* e *Logan (Ciclope e Wolverine)*. Jean Grey funciona como o foco de uma contínua matriz heterossexual, promovendo o relacionamento tradicional homem-mulher às plateias (IRWIN, 2005, p. 91).

A personagem de Jean Grey está destinada a um passo gigantesco no processo de evolução. Para os assíduos leitores das HQ's dos X-men, Jean Grey é o sinônimo da Fênix<sup>9</sup>, um ser cósmico, que assume a identidade de Jean após ela ser exposta a altos níveis de radiação solar durante uma missão de salvamento.

<sup>9</sup> Ser mitológico (ver BULFINCH, 2006, p. 295).

Desde a sua chegada ao Instituto Xavier, Jean teve de lutar pela vida. Possuída por uma entidade cósmica (a *Fênix*), ou traída por seu único amor Scott Summer, codinome Ciclope, com Emma Frost, a Rainha Branca. Desde sua estreia, Jean Grey tem lutado e se sacrificado, *ad infinitum*, em inúmeros futuros, dimensões e linhas de tempo. Sua existência parece ser infinita por que seus poderes mutantes lhe permitem invocar e se fundir com a força cósmica da vida e da morte. Jean teve mais ressurreição que qualquer outro personagem dos X-men, o que significa que ela também morreu mais que qualquer outro mutante na série. Entretanto, sua existência pertence a alguém que se recria a si mesma permanentemente a partir das cinzas do passado, alguém que personifica o ideal existencialista a um grau sem precedente, uma vez que, por meio de suas escolhas, ela redefine repetidamente o significado de sua existência, remodelando o X-verso em que vive (IRWIN, op., cit., p. 93).

Jean Grey representa bem o ser mitológico dos assírios, a Fênix.

A maior parte dos seres nasce de outros indivíduos, mas há uma certa espécie que se reproduz sozinha (...) a fênix. Faz um ninho de ramos (...), nele junta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre. Do corpo da ave surge uma nova fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora (BULFINCH, 2006, p. 295).

Na trilogia dos filmes dos X-men<sup>10</sup>, Jean Grey exhibe os três principais níveis da ética de justiça de Kohlberg (KOHLEBERG, 1981). Ela passa pelo nível pré-convencional, sendo orientada por aqueles que têm autoridade. Parece tímida e submissa, com uma voz suave, explicando o fracasso a Xavier ou desculpando-se por não poder realizar certas tarefas porque não é muito poderosa<sup>11</sup>.

A mística do “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher, calcada em fatores biológicos. Questiona assim a idéia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; a mulher, por sua função procriadora, ao mundo interno (ALVES, op., cit., p. 55).

Ela também exhibe, em muitas ocasiões, o nível convencional de desenvolvimento moral, quando age para agradar aos outros de acordo com suas expectativas. Por fim, quando no final do segundo filme<sup>12</sup>, Jean sacrifica sua vida para salvar seus colegas, poder-se-ia dizer que ela atingiu o estágio final, pós-convencional da ética de Kohlberg. Nesse ato, ela rejeita os desejos e os apelos dos outros e age por conta própria para preservar o bem comum, independente de seus vínculos e relacionamentos emocionais. Ela pode ser vista em seu supremo ato de autossacrifício como a utilitarista quintessencial, calculando o melhor interesse do maior número de pessoas envolvidas e, em um ato de

<sup>10</sup> Adaptação hollywoodiana das HQ's para o cinema.

<sup>11</sup> *X-Men: O Filme*. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 DVD (104 min.), color.

<sup>12</sup> *X-men 2*. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2003. 1 DVD (134 min.), color.

fria racionalidade, escolhe a ação, ainda que isso signifique a morte. Mas essa é a Jean Grey que conhecemos? Ou ela estaria agindo segundo a mais profunda forma de cuidado (IRWIN, 2005, p. 92)?

Quando Jean Grey se sacrifica para salvar seus colegas de time (os X-men), ela segue uma interpretação comum da ética do cuidado de Gilligan (GILLIGAN, 1982), que insiste para que as mulheres se considerem tão merecedoras quanto os homens. Muitas analistas feministas sugerem que a ética do cuidado, interpretada de modo correto, exclui qualquer tipo de sacrifício pelos outros. Elas recomendam, no entanto, o equilíbrio entre um interesse saudável da mulher por si mesma e o interesse apropriado pelo bem-estar dos outros (IRWIN, op., cit., p. 92).

A ética da justiça é centrada em regras e direitos. Já a ética do cuidado enfoca os relacionamentos e o cuidado com as pessoas. Quando Jean enfrenta uma situação na qual a vida de todos os seus amigos mais próximos só pode ser salva pelo sacrifício de sua vida, ela não é confrontada por pessoas que têm o tipo de direito à vida que exige o ato final dela como um dever moral, a serviço da justiça. É justamente porque ela vai além do chamado dever que seu ato é heroico. Ela não age por dever, mas sim, por amor, cuidado e interesse, sabendo que só com seu sacrifício pode salvar a vida dos X-men (IRWIN, op., cit., p. 93).

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida, por seus amigos (Evangelho de São João (15,13), 1989).

Agindo assim, ela se torna uma espécie de figura de cristo feminina e sua morte parece pressagiar uma ressurreição, algo que será apresentado no filme X-men 3: o confronto final<sup>13</sup>.

Jean Grey prova que isso não é privilégio só dos homens. E, ao fazer isso, ela talvez esteja superando a dualidade implícita tanto na ética do cuidado quanto na interpretação feminista dela. Ela não pesa seus direitos em contrastes com os seus colegas e não questiona de quem vai cuidar melhor; dela mesma ou deles. É possível que ela tenha transcendido por meio da dualidade para uma singularidade ou unidade com os outros, a ponto de elidir a diferença entre autossacrifício e autopreservação. Ela faz o que precisa ser feito para a preservação da unidade maior.

Jean transcende as demandas e os deveres da ética normal, age além do chamado de dever, isso lhe traz uma surpreendente recompensa, por meio de um renascimento como a extraordinária e a poderosa Fênix (IRWIN, op., cit., p. 93). Essa pode ser a moderna apresentação mítica do supremo poder transformativo do amor. Jean Grey morre, mas renasce de suas cinzas, como a poderosa Fênix, uma poderosa mulher.

## 4 Considerações finais

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher (BEAUVOIR, op., cit., p. 9).

<sup>13</sup> *X-men 3: o confronto final*. Direção: Brett Rafter. 20th Century Fox Film Corporation, 2006. 1 DVD (104 min.), color.

Os estudos sobre a mulher e sua participação na sociedade, na organização familiar, nos movimentos sociais, na política e no trabalho, vêm crescendo e esse tema adquiriu notoriedade, principalmente após a incorporação da categoria gênero (MATOS, op., cit., p. 12). Desde que surgiram, as histórias em quadrinhos se adaptaram e se integraram ao contexto histórico no qual estavam inseridas, sendo que os personagens e os enredos se tornam expressões dos anseios, dos valores, dos preconceitos e mesmo das frustrações de seus criadores, eles mesmos produtos de sua época. Nos quadrinhos, estão as representações do real, ou daquilo que se deseja transformar a realidade (NOGUEIRA).

Protegidas pela tinta e pelo papel, os personagens das HQ's materializam representações que são constantemente retomadas, re-atualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvincula do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes (OLIVEIRA, 2007, p. 23).

As HQ's são um mundo da supremacia masculina, o papel da mulher era de submissa aos homens, sempre como papel de mocinhas nas histórias ou como auxiliar do super-herói. Isso é bem retratado na história de nossa sociedade, a mulher tendo sempre um papel secundário. Um viés político eventualete, de corte neopositivista, que é centrado nos estudos das elites e dos heróis masculinos (MATOS, op., cit., p. 11).

Há uma ideia de realização natural, que inferioriza um dos sexos, também é um dos argumentos utilizados pelas teorias racistas, onde os negros, os índios e os semitas seriam 'por natureza' inferiores.

O 'masculino' e o 'feminino' são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. *Aprendemos* a ser homens e mulheres e a aceitar como 'naturais' as relações de poder entre os sexos. A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino, aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias 'naturezas' (ALVES, op., cit., p. 57).

Mesmo precisando serem salvas pelos super-heróis ou auxiliando-os, as mulheres começam a ganhar poderes e tornam-se super-heroínas nas HQ's; assim, aos poucos, começam a sair da sombra do super-herói, conquistando seu espaço, buscando sua autonomia, na mesma medida em que as mulheres na vida real, fora da história de ficção, iam conquistando seu espaço na sociedade. Isso ocorre a partir da década de 1940, com a criação da super-heroína *Mulher-Maravilha* e, principalmente, na década de 1960 e 1970, com o turbilhão dos movimentos por direitos civis e da libertação feminina. É nesse período que nascem os super-heróis *X-men*, onde as super-heroínas ganham um grande destaque: como a poderosa mutante *Jean Grey*, primeira aluna do Instituto Xavier, no início da década de 1960 e, uma década mais tarde, a mutante do tempo, *Tempestade*, líder a frente do time de super-heróis X-men.

## Referências

- ALVES, Branca Moreira. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2ª edição. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.
- BOLTON, Lesley. *O livro completo da mitologia grega*. São Paulo: Madras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Observações sobre a História das Mulheres. In: *As Mulheres e a História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- BRAGA, F.; PATATI, C. *Almanaque dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CHARTIER, Roger. História das mulheres, séculos XVI-XVII. Diferenças entre os sexos e violência simbólica. In: *As Mulheres e a História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: Psychological theory and Women's development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- IRWIN, Willian. *Super – Heróis e a Filosofia*. São Paulo: Madras, 2005.
- IRWIN, Willian. *X-men e a filosofia: visão surpreendente e argumento fabuloso do X-verso mutante*. São Paulo: Madras, 2009.
- KNOWLES, Christopher. *Nossos deuses são super-heróis*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- KOHLBERG, Lawrence. *The philosophy of moral development*. New York: Harper Collins, 1981.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- NOGUEIRA, Natania A. Silva. *Representações femininas nas histórias em quadrinho da EBAL*. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao10abril2010/reprfeminquadrinhosebal.pdf>.
- OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: As representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: Permanências e ressonâncias*. Brasília: EDUNB: Finatec, 2007.
- REBLIN, Iuri A. *Para o alto e avante: Uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- SCOTT, Joan. *La citoyenne paradoxale. Lês féministes françaises et lês droits de l'homme*. Paris: Albin Michel, 1998.

Recebido em: Março de 2011

Aprovado em: Dezembro de 2011